

17  
HISTÓRIAS  
TURBULENTAS

# TERROR A BORDO

EDITADO POR  
STEPHEN KING  
E BEV VINCENT

TRADUÇÃO  
Regiane Winarski



*Esta antologia é dedicada a todos os pilotos, reais e fictícios, que pousaram seus aviões depois de um voo difícil e levaram os passageiros para casa em segurança. A lista inclui:*

*Wilbur Wright  
Chesley Sullenberger  
Vernon Demerest  
Robert Pearson  
Eric Gennotte  
Tim Lancaster  
Min-Huan Ho  
Eric Moody  
Peter Burkill  
Bryce McCormick  
Robert Schornstheimer  
Richard Champion de Crespigny  
Robert Piché  
Brian Engle  
Ted Striker*

# INTRODUÇÃO

*Stephen King*

Existe alguém neste mundo moderno guiado pela tecnologia que gosta de viajar de avião? Por mais incrível que possa parecer, tenho certeza de que sim. Os pilotos gostam, a maioria das crianças gosta (mas não os bebês; mudanças na pressão os fazem chorar à beça), vários entusiastas aeronáuticos gostam, mas é basicamente isso. Para o restante de nós, uma viagem de avião tem o mesmo charme e empolgação de um exame colorretal. Os aeroportos modernos costumam ser zoológicos superlotados onde paciência e cortesia são postas à prova. Voos atrasam ou são cancelados, malas são jogadas de um lado para o outro como sacos de lixo e, em muitas ocasiões, não chegam ao seu destino com os passageiros que precisam desesperadamente de camisas limpas ou mesmo de uma única peça de roupa íntima lavada.

Se seu voo é de manhã cedo, boa sorte. Isso significa ter que cair da cama às quatro da manhã para poder passar por processos de check-in e embarque tão complicados e tensos quanto escapar de um pequeno país sul-americano corrupto em 1954. Tem documento com foto? Colocou o xampu e o condicionador em pequenos frascos transparentes? Está preparado para tirar os sapatos e passar seus vários equipamentos eletrônicos pelo aparelho de raios X? Tem certeza de que ninguém mexeu na sua mala ou teve acesso a ela? Está preparado para entrar em um scanner de corpo inteiro e, quem sabe, ser apalpado nas partes

íntimas, só por garantia? Sim? Ótimo. Mas talvez você ainda descubra que foi vítima de overbooking, ou que seu voo está atrasado por problemas mecânicos ou meteorológicos, ou tenha sido cancelado por uma pane. E que Deus o proteja se você quiser adiantar seu voo; talvez tenha mais sorte comprando uma raspadinha.

Mas você ultrapassa todos esses obstáculos e entra no que um dos colaboradores desta antologia chama de “casco ululante da morte”. Não é meio exagerado, você pode perguntar, e sem fundamento? É verdade. Aviões comerciais raramente pegam fogo (se bem que nós todos vimos imagens perturbadoras gravadas com celular de turbinas cuspidando fogo a trinta mil pés de altura) e viajar de avião raramente resulta em morte (as estatísticas dizem que você tem mais chance de morrer atravessando a rua, principalmente se for um idiota que está olhando o celular no momento). Mas você *está* entrando no que é basicamente um tubo cheio de oxigênio altamente inflamável e se sentando sobre toneladas de combustível mais inflamável ainda.

Quando o tubo de metal e plástico está vedado (como um... bem, como um *caixão*) e saindo da pista de decolagem, deixando uma sombra cada vez menor para trás, só há uma certeza, uma coisa tão positiva que ultrapassa as estatísticas: você *vai* descer. A gravidade exige. As questões são onde e por quê e em quantos pedaços, sendo um o ideal. Se o reencontro com a terra firme for em um quilômetro e meio de concreto (com sorte no seu local de destino, mas qualquer quilômetro e meio de superfície pavimentada serve), tudo está bem. Se não for, suas chances de sobrevivência despencam rapidamente. Isso também é um fato estatístico, um que mesmo os viajantes mais experientes precisam contemplar quando se veem em meio a uma turbulência.

Você não tem controle nenhum nesses momentos. Não pode fazer nada de construtivo além de verificar o cinto de segurança enquanto os pratos e as garrafas sacodem no carinho e os compartimentos superiores se abrem e os bebês choram e seu desodorante falha e o comissário fala pelos alto-falantes: “O capitão pede que todos permaneçam sentados”. Enquanto seu tubo lotado sacode para um lado e para o outro e treme e estala, você tem tempo de refletir sobre a fragilidade do seu corpo e aquele único fato irrefutável: *você vai descer.*

Depois de prepará-lo com assuntos para reflexão na sua próxima viagem pelo céu, gostaria de fazer a pergunta apropriada: existe alguma atividade humana, qualquer uma, mais adequada para uma antologia de contos de terror e suspense do que a que você tem em mãos? Acho que não, senhoras e senhores. Aqui tem de tudo: claustrofobia, acrofobia, impotência. Nossas vidas sempre estão por um fio, mas isso nunca fica tão claro quanto na hora em que estamos pousando no aeroporto de LaGuardia com nuvens densas e chuva forte ao redor.

Pessoalmente, sou um passageiro bem melhor agora do que antigamente. Graças à minha carreira como escritor, viajei muito de avião nos últimos quarenta anos e até 1985, mais ou menos, sentia muito medo. Eu entendia a teoria do voo e todas as estatísticas de segurança, mas nada disso ajudou. Parte do meu problema vinha de um desejo (que ainda tenho) de estar no controle de todas as situações. Eu me sinto seguro quando estou ao volante porque confio em mim mesmo. Quando quem está atrás do volante é você... nem tanto (sinto muito por isso). Quando entramos em um avião e nos sentamos, estamos entregando o controle a pessoas que não conhecemos; pessoas que talvez nunca nem vejamos.

O pior para mim é o fato de que apurei minha imaginação até o limite ao longo dos anos. Isso é ótimo quando estou sentado à minha escrivaninha, elaborando histórias em que coisas horríveis podem acontecer com pessoas muito legais, mas não tão bom quando sou refém em um avião que entra na pista de decolagem, para e então dispara a uma velocidade que em um carro seria considerada mais do que suicida.

A imaginação é uma faca de dois gumes e, nos primórdios, quando comecei a viajar muito de avião a trabalho, era fácil demais me cortar com ela. Fácil demais pensar em todas as partes móveis do motor do lado de fora da janela, tantas partes que parecia quase inevitável que uma delas falhasse. Era fácil imaginar (impossível *não imaginar*, na verdade) o que cada mudança no som das turbinas podia significar e por que o avião de repente inclinava em uma nova direção, com a superfície da minha Pepsi inclinando junto (de forma alarmante!) no copinho de plástico.

Se o piloto aparecia para trocar umas palavras com os passageiros, eu questionava a competência do copiloto (ele não podia ser *tão* competente, senão não seria a segunda opção). Talvez o avião estivesse no piloto automático, mas e se o piloto automático desligasse enquanto o piloto estava discutindo o resultado dos Yankees com alguém e o avião mergulhasse de repente? E se as portas do compartimento de bagagens se abrissem? E se o trem de pouso quebrasse? E se uma janela defeituosa que foi aprovada por um funcionário do controle de qualidade que estava pensando na pessoa querida esperando em casa na hora da inspeção explodisse? Aliás, e se um meteoro nos atingisse e a cabine se despressurizasse?

Depois, em meados dos anos 1980, a maioria desses medos passou, graças a uma experiência de quase morte durante a decolagem no aeroporto Farmingdale, em Nova York, a caminho de Bangor, no Maine.

Tenho certeza de que tem muita gente por aí (algumas pessoas talvez lendo este livro agora) que passou por alguns sustos, coisas desde trens de pouso quebrados a aviões que escorregaram em pistas congeladas, mas isso foi tão próximo da morte quanto possível para alguém sobreviver e contar a história depois.

Era fim de tarde. O céu estava limpo e claro. Eu tinha fretado um Lear 35, que na decolagem era como estar com um foguete amarrado na bunda. Eu já tinha andado naquele Lear muitas vezes. Conhecia e confiava nos pilotos, e por que não? O do assento da esquerda tinha começado a pilotar jatos na Coreia, sobreviveu a várias missões de combate lá e voava desde então. Ele tinha dezenas de milhares de horas de voo. Peguei meu livro e minhas palavras cruzadas, esperando um voo tranquilo e um reencontro agradável com a minha esposa, meus filhos e meu cachorro.

Nós estávamos a sete mil pés de altura, e eu estava pensando se conseguiria convencer minha família a ir ao cinema naquela noite, quando o Lear pareceu bater em um muro. Naquele instante, tive certeza de que tínhamos sofrido uma colisão e que nós três, os dois pilotos e eu, morreríamos. A pequena cozinha se abriu e vomitou seu conteúdo. As almofadas dos bancos vazios foram parar no teto. O aviãozinho se inclinou... se inclinou mais um pouco... e virou completamente. Senti essa parte, mas não vi. Eu tinha fechado os olhos. Minha vida não passou na minha frente. Eu não pensei: *Eu tenho tanta coisa pra fazer ainda*. Não houve sensação de aceitação (nem de não aceitação). Só houve a certeza de que a minha hora tinha chegado.

Mas o avião se estabilizou. Do cockpit, o copiloto estava gritando:

— Steve! Steve! Tudo bem aí atrás?

Eu disse que sim. Olhei para a sujeira no chão, que incluía sanduíches, uma salada e uma fatia de cheesecake com cobertura de morango. Olhei para as máscaras de oxigênio amarelas penduradas. Perguntei (com uma voz admiravelmente calma) o que tinha acontecido. Os dois não sabiam naquela hora, embora desconfiassem e depois tivessem confirmado que quase batemos em um 747 da Delta: fomos pegos pelo escapamento e jogados como um avião de papel em uma ventania.

Nos vinte e cinco anos seguintes, encarei as viagens de avião de forma bem mais saudável depois dessa experiência em primeira mão de quanto trauma uma aeronave moderna é capaz de suportar e de como bons pilotos (que são a maioria) conseguem se manter calmos e eficientes quando as coisas ficam complicadas. Um deles me disse: “Nós treinamos sem parar. Quando as seis horas de tédio absoluto viram os doze segundos de perigo mortal, sabemos exatamente o que fazer”.

Nas histórias a seguir, você vai encontrar de tudo, desde um gremlin empoleirado na asa de um 727 a monstros transparentes que vivem acima das nuvens. Vai encontrar viagens no tempo e aviões fantasma. Mais do que tudo, você vai vivenciar esses doze segundos de perigo mortal, quando as piores coisas que podem dar errado no ar *dão* errado. Você vai encontrar claustrofobia, covardia, pavor e momentos de coragem. Se estiver planejando uma viagem pela Delta, American, Southwest ou qualquer outra companhia aérea, seria bom colocar na bolsa um livro do John Grisham ou da Nora Roberts no lugar deste. Mesmo que você esteja no chão, talvez seja bom apertar bem o cinto.

Porque esta viagem vai ser turbulenta.

Stephen King

2 de novembro de 2017

# A CARGA

E. Michael Lewis

Eric Lewis, que pilotará nosso voo inaugural, estudou escrita criativa na University of Puget Sound e mora no Noroeste Pacífico. O mestre de carga dele os levará a bordo de um Lockheed C-141A StarLifter (como o que está em exposição no McChord Air Museum, que dizem ser assombrado) prestes a decolar do Panamá com a missão de transportar uma carga aos Estados Unidos. O StarLifter é um avião de carga capaz de transportar até trinta toneladas por distâncias curtas. Pode transportar cem paraquedistas, cento e cinquenta tropas de combate, caminhões e jipes, e até mísseis balísticos intercontinentais Minuteman. Ou cargas menores. Caixões, por exemplo. Algumas histórias são de gelar o sangue; esta vai fazer um arrepio subir pela sua espinha, centímetro a centímetro, e ficar na sua mente por muito, muito tempo.

Bem-vindos a bordo.

*Novembro de 1978*

Sonhei com carga. Milhares de caixas lotavam o compartimento do avião, todas feitas de pinho sem acabamento, do tipo que faz farpas entrarem pelas luvas. Estavam carimbadas com números desconhecidos e acrônimos bizarros que brilhavam impetuosamente na luz vermelha

fraca. Deviam ser pneus de jipe, mas algumas eram grandes como casas, outras tão pequenas quanto uma vela de ignição, todas presas em paletas com amarras que mais pareciam tiras de camisas de força. Tentei olhar todas, mas eram muitas. Ouvi um ruído baixo, e as caixas deslizaram e a carga caiu em cima de mim. Não consegui alcançar o interfone para avisar o piloto. A carga me esmagou com mil dedinhos afiados conforme o avião voava, matando-me lentamente enquanto caíamos, quando batemos, o interfone tocando como um grito. Mas havia outro som também, vindo de dentro da caixa ao lado da minha orelha. Alguma coisa lutando lá dentro, algo encharcado e profano, uma coisa que eu não queria ver, uma coisa que queria *sair*.

De repente, o som mudou para o de uma prancheta batendo contra a moldura de metal do beliche do meu alojamento. Meus olhos se abriram. O aviador (recém-chegado no país, pelo suor que cobria a gola) ficou parado ao meu lado segurando sua prancheta, tentando decidir se eu era do tipo que arrancaria a cabeça dele só por estar fazendo seu trabalho.

— Sargento técnico Davis — disse ele —, precisam de você na linha de voo agora mesmo.

Eu me sentei e me espreguicei. O homem me entregou a prancheta com uma lista: um HU-53 desmontado com tripulação, mecânicos e equipe médica a caminho de... algum lugar novo.

— Aeroporto Timehri?

— Fica perto de Georgetown, Guiana.

Quando olhei para ele sem entender, o aviador prosseguiu:

— É uma antiga colônia britânica. Timehri era a Base Aérea Atkinson.

— Qual é a missão?

— É algum tipo de evacuação médica em massa de expatriados de um lugar chamado Jonestown.

Americanos em maus lençóis. Eu tinha passado boa parte da minha carreira na Força Aérea ajudando americanos em maus lençóis. Dito isso, aquela missão com certeza era bem mais satisfatória do que transportar pneus de jipe. Eu agradei e corri para vestir um uniforme de voo limpo.

Tinha esperança de passar outro dia de Ação de Graças panamenho na Base Aérea Howard: calor de trinta graus, peru recheado no refeitório, futebol americano no rádio das Forças Armadas e tempo suficiente fora da rotação para encher a cara. A volta das Filipinas tinha sido tranquila e os passageiros e a carga estavam em segurança. Agora, isso.

Interrupção era uma coisa com a qual você se acostumava como mestre de carga. O C-141 StarLifter era o maior avião de transporte de carga e tropas no Comando Aéreo Militar, capaz de carregar mais de trinta toneladas de carga ou duzentos soldados prontos para a batalha em qualquer parte do mundo. Com metade do comprimento de um campo de futebol americano, suas asas altas e inclinadas para trás o faziam aterrissar como um morcego na pista. Com cauda em formato de T ascendente, portas do tipo concha e uma rampa de carga embutida, o StarLifter era incomparável quando o assunto era transportar carga. Parte comissário de bordo e parte companhia de mudança, meu trabalho como mestre de carga era organizá-la da forma mais segura e correta possível.

Com tudo a bordo e meus formulários de peso e equilíbrio preenchidos, o mesmo novato me encontrou xingando a equipe de solo panamenha por arranhar a fuselagem.

— Sargento Davis! Mudança de planos! — gritou ele por cima do barulho da empilhadeira.

Ele me entregou outra lista.

— Mais passageiros?

— Novos passageiros. A equipe médica vai ficar.

Ele disse alguma coisa ininteligível sobre a missão ter mudado.

— Quem são essas pessoas?

Mais uma vez, tive dificuldades de ouvir. Ou talvez eu tenha ouvido direito e, com o estômago embrulhado, quis que ele repetisse. Eu queria ter ouvido errado.

— Registro de óbitos — gritou ele.

É, foi o que eu achei que tivesse ouvido.

Timehri era o típico aeroporto do terceiro mundo: grande o suficiente para se espremer um 747 nele, mas cheio de buracos e de barracões quonset enferrujados. O perímetro de selva ao redor da pista parecia ter sido aberto apenas uma hora antes. Helicópteros zumbiam para cima e para baixo, e militares dos Estados Unidos lotavam a pista. Soube na hora que a situação devia ser bem ruim.

Fora da aeronave, o calor que subia do asfalto ameaçou derreter as solas das minhas botas antes mesmo de eu ter colocado os calços das rodas no lugar. Uma equipe de soldados americanos se aproximou, ansiosa para descarregar e montar o helicóptero. Um deles, de peito exposto e com a camiseta amarrada na cintura, me entregou uma lista.

— Não fique à vontade demais — disse ele. — Assim que o helicóptero estiver pronto, vamos trazer a carga.

Ele indicou por cima do ombro.

Olhei para a taxiway cintilante. Caixões. Fileiras e fileiras de caixas funerárias de alumínio fosco reluziam no sol tropical inclemente. Eu as reconheci dos meus voos saindo de Saigon seis anos antes, meus primeiros como mestre de carga. Talvez minhas entranhas tivessem dado

um nó porque não tive descanso, ou talvez por eu não carregar cadáveres havia alguns anos. Ainda assim, engoli em seco. Olhei para o destino: Dover, Delaware.

Os soldados estavam carregando um compartimento utilitário novo quando eu soube que teríamos dois passageiros no voo de volta.

O primeiro era um garoto, recém-saído do ensino médio, pela aparência, com cabelo preto crespo e um uniforme de selva grande demais que estava engomado, limpo e mostrava o ranking de Airman First Class. Dei as boas-vindas e fui ajudá-lo a entrar pela porta da tripulação, mas ele desviou e quase bateu a cabeça na entrada baixa. Acho que teria pulado para trás se houvesse espaço. O cheiro dele me alcançou, forte e mentolado: Vick VapoRub.

Atrás dele, uma enfermeira de voo, severa e profissional no caminhar, no vestir e nos gestos, também entrou sem ajuda. Eu a olhei diretamente. Reconheci-a como parte do grupo que eu tinha transportado regularmente de Clark, nas Filipinas, até Da Nang e de volta no início da minha carreira. Era uma tenente de olhar duro e cabelo grisalho. Mais de uma vez, ela havia sido bem enfática ao observar que qualquer idiota que tivesse largado o ensino médio era capaz de fazer meu trabalho melhor. O nome no uniforme dela dizia Pembry. Ela tocou as costas do garoto e o guiou até os assentos, mas, se me reconheceu, não disse nada.

— Podem se sentar em qualquer lugar — falei para eles. — Sou o sargento técnico Davis. Vamos decolar em menos de meia hora, então podem ficar à vontade.

O garoto ficou tenso.

— Você não me contou — disse ele para a enfermeira.

O compartimento de um StarLifter parece o interior de uma sala de caldeira, com todos os dutos de calor, resfriamento e pressão expostos em vez de escondidos como em um avião comercial. Os caixões formavam duas fileiras ocupando o comprimento do compartimento, deixando um corredor vazio no centro. Eram cento e sessenta, divididos em pilhas de quatro. Redes amarelas os seguravam no lugar. Olhando para os fundos da aeronave, vimos o sol desaparecer quando a porta de carga se fechou, nos deixando em uma penumbra constrangedora.

— É o jeito mais rápido de levar você pra casa — disse ela com voz neutra. — Você quer ir pra casa, não quer?

A voz dele transbordava afronta e medo.

— Não quero ver isso. Quero um assento virado para a frente.

Se o garoto olhasse ao redor, veria que não havia nenhum assento virado para a frente.

— Está tudo bem — disse a enfermeira, puxando o braço dele de novo.

— Eles também vão pra casa.

— Eu não quero olhar pra eles — afirmou o garoto enquanto ela o levava ao assento mais próximo de uma das janelinhas. Como ele não se mexeu para botar o cinto de segurança, Pembry se inclinou e fez isso por ele. O garoto se agarrou ao apoio de braço como se o avião fosse uma montanha-russa. — Eu não quero pensar neles.

— Pode deixar comigo.

Fui para a frente e apaguei as luzes da cabine. Agora, só as luzinhas vermelhas iluminavam os contêineres compridos de metal. Quando voltei, lhe entreguei um travesseiro.

O nome na jaqueta larga do garoto dizia “Hernandez”. Ele agradeceu, mas não soltou o apoio de braço.

Pembry prendeu o cinto ao lado dele. Guardei a bagagem dos dois e fiz a verificação final.

Quando estávamos no ar, fiz café no fogão elétrico do compartimento utilitário. A enfermeira Pembry recusou, mas Hernandez aceitou um pouco. O copo de plástico tremia na mão dele.

— Medo de voar? — perguntei. Não era tão incomum na Força Aérea.  
— Tenho Dramin...

— Eu não tenho medo de voar — disse ele, entredentes. O tempo todo, o garoto não tirou os olhos dos caixões que ocupavam o compartimento de carga.

Em seguida, a tripulação. Nenhum avião recebia a mesma tripulação, como antigamente. O Comando Aéreo Militar se orgulhava de ter homens tão intercambiáveis que uma tripulação que nunca tinha se visto antes poderia se organizar em uma linha de voo e levar qualquer StarLifter até os confins da Terra. Cada homem sabia fazer o meu trabalho, assim como eu sabia fazer o deles.

Fui ao cockpit e encontrei todos em suas estações. O segundo engenheiro estava mais perto da porta, inclinado sobre os instrumentos.

— O motor quatro está se ajustando agora, deixe o manete baixo — disse ele.

Reconheci a expressão tímida e o sotaque do Arkansas, mas não sabia dizer de onde. Depois de sete anos trabalhando em StarLifters, achava que já tinha voado com todo mundo pelo menos uma vez. Ele me agradeceu quando coloquei o café preto na mesa dele. O uniforme o identificava como Hadley.

O primeiro engenheiro estava no assento do meio, o que costumava ser reservado ao “Chapeleiro Sombrio”; os inspetores de missões eram a

desgraça de qualquer tripulação do Comando Aéreo Militar. Ele pediu dois torrões de açúcar, então se levantou e olhou pelo domo do navegador, para o céu azul que estava passando.

— Manete baixo no motor quatro, entendido — respondeu o piloto.

Ele era o comandante designado da aeronave, mas tanto ele quanto o copiloto eram tão experientes em voo que eram quase a mesma pessoa. Eles tomavam o café com dois sachês de creme.

— Estamos tentando ultrapassar uma turbulência, mas não vai ser fácil. Avise aos passageiros para esperarem certa agitação.

— Pode deixar, senhor. Mais alguma coisa?

— Obrigado, mestre Davis, está dispensado.

— Sim, senhor.

Finalmente, hora de relaxar. Quando fui me deitar no leito da tripulação para tirar um cochilo, vi Pembry espiando por trás do compartimento utilitário.

— Posso ajudar com alguma coisa?

— Posso pegar um cobertor extra?

Peguei um no armário entre a estação de cozinha e a latrina e trinquei os dentes.

— Mais alguma coisa?

— Não — disse ela, puxando um fio solto imaginário do cobertor de lã. — Nós já voamos juntos, você lembra?

— Ah, sério?

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpas.

— Não precisa, senhora. — Desviei dela e abri a geladeira. — Posso servir uma refeição mais tarde, se vocês...

Ela colocou a mão no meu ombro, como tinha feito com Hernandez, e exigiu minha atenção.

— Você se lembra de mim.

— Sim, senhora.

— Fui muito dura com você naqueles voos de evacuação.

Eu gostaria que ela parasse de ser tão direta.

— A senhora estava dando sua opinião. Isso me fez ser um mestre de carga melhor.

— Ainda assim...

— Senhora, não há necessidade.

Por que as mulheres não entendem que pedir desculpas só piora as coisas?

— Muito bem.

A dureza no rosto dela se transformou em sinceridade, e de repente passou pela minha cabeça que ela queria conversar.

— Como está seu paciente?

— Descansando.

Pembry tentou agir com casualidade, mas eu sabia que ela queria dizer mais.

— Qual é o problema dele?

— Ele foi um dos primeiros a chegar, e o primeiro a ir embora.

— Jonestown? Foi ruim assim?

Uma lembrança de nossos voos de evacuação anteriores. A expressão antiga, dura e fria, voltou na mesma hora.

— Nós saímos de Dover por ordem da Casa Branca cinco horas depois que eles receberam a ligação. Ele é Especialista em Registros Médicos há seis meses no serviço, nunca tinha ido a lugar nenhum, nunca tinha tido

um dia de trauma na vida. De repente, está em uma selva sul-americana com mil corpos.

— Mil?

— A contagem ainda não chegou, mas tudo indica que o número é esse. — Ela passou as costas da mão na bochecha. — Tantas crianças.

— Crianças?

— Famílias inteiras. Todos tomaram veneno. Dizem que foi um culto. Me disseram que os pais mataram os filhos primeiro. Não sei o que poderia levar uma pessoa a fazer isso com a própria família. — Ela balançou a cabeça. — Fiquei em Timehri pra organizar a triagem. Hernandez disse que o cheiro era inimaginável. Tiveram que borrifar inseticida nos corpos e defendê-los de ratos famintos gigantesco. Ele disse que o obrigaram a perfurar os corpos para liberar a pressão. Ele queimou o uniforme.

Ela se mexeu para manter o equilíbrio quando o avião deu um solavanco.

Um coisa horrível desceu pela minha garganta enquanto eu tentava não visualizar o que ela disse. Fiz um esforço para não fazer uma careta.

— O capitão disse que o voo pode ser turbulento. É melhor você botar o cinto.

Eu a levei de volta até seu assento. A boca de Hernandez estava aberta e ele tinha escorregado no banco, parecendo que tinha perdido uma briga de bar, e feio. Eu voltei para a cama e dormi.

Pode perguntar a qualquer mestre de carga: depois de tanto tempo no ar, o rugido dos motores é algo que você ignora. Você descobre que consegue dormir em qualquer situação. Ainda assim, sua mente percebe e desperta ao som de qualquer ruído incomum, como no voo de Yakota

para Elmendorf, quando um jipe se soltou e acertou uma caixa de provisões. Voou carne-seca para todo lado. Dei uma bronca na equipe de solo por causa disso. Portanto, não surpreende eu ter despertado com o som de um grito.

Pulei para fora da cama e passei pelo compartimento utilitário antes de conseguir pensar. E vi Pembry. Ela estava de pé, na frente de Hernandez, desviando dos braços agitados e falando calmamente e mais baixo que o barulho do motor. Mas ele não.

— Eu ouvi! Eu ouvi! Elas estão lá dentro! Todas aquelas crianças! Todas aquelas crianças!

Segurei os braços dele... com firmeza.

— Calma.

Ele parou de se debater. Uma expressão de vergonha surgiu em seu rosto. Os olhos se fixaram nos meus.

— Eu as ouvi cantando.

— Quem?

— As crianças! Todas as... — Ele fez um gesto impotente na direção dos caixões escuros.

— Você teve um sonho — afirmou Pembry. A voz dela tremia um pouco. — Eu estava com você o tempo todo. Você estava dormindo. Não podia ter ouvido nada.

— Todas as crianças estão mortas — disse ele. — Todas elas. Elas não sabiam. Como poderiam saber que estavam bebendo veneno? Quem daria veneno para o próprio filho beber?

Soltei os braços dele, e Hernandez olhou para mim.

— Você tem filhos?

— Não — respondi.

— Minha filha — disse ele — tem um ano e meio. Meu filho tem três meses. É preciso ser cuidadoso, paciente. Minha esposa é ótima nisso, sabe? — Reparei pela primeira vez como o suor cobria sua testa, as costas das mãos. — Mas eu também sou bom, quer dizer, eu não sei que porra estou fazendo, mas não faria mal a eles. Eu seguro eles no colo e canto pra eles e, se alguém tentasse lhes fazer mal... — Ele agarrou meu braço, o mesmo que o havia imobilizado pouco tempo antes. — Quem daria veneno para o próprio filho?

— Não é culpa sua.

— Eles não sabiam que era veneno. Ainda não sabem. — Ele me puxou para mais perto. — Eu as ouvi cantando.

Tenho que admitir que suas palavras me deixaram arrepiado.

— Vou dar uma olhada — garanti a ele enquanto pegava uma lanterna na parede e seguia pelo corredor central.

Havia um motivo prático para verificar o barulho. Como mestre de carga, eu sabia que um som incomum significava problemas. Eu tinha ouvido uma história de uma tripulação que ficava ouvindo um gato miando em algum lugar do avião. O mestre de carga não conseguiu encontrar o gato, mas achou que ele acabaria aparecendo quando tirassem a carga. Acontece que o “miado” era uma correia de carga fraca que arrebentou quando as rodas do avião tocaram na pista, soltando três toneladas de artilharia explosiva e tornando o pouso bem interessante. Barulhos estranhos significavam problemas e eu seria um idiota de não ir olhar.

Verifiquei todas as correias e redes no caminho, me inclinando para ouvir, procurando sinais de movimento, de tiras frágeis, qualquer coisa fora do normal. Fui por um lado e voltei pelo outro, verifiquei até as

portas de carga. Nada. Tudo estava no lugar, meu bom trabalho de sempre.

Segui pelo corredor até os passageiros. Hernandez estava chorando com a cabeça nas mãos. Pembry estava esfregando as costas dele, sentada ao lado, como minha mãe fazia comigo.

— Está tudo certo, Hernandez.

Guardei a lanterna no suporte da parede.

— Obrigada — respondeu Pembry por ele, e disse para mim: — Dei um Valium pra ele, deve acalmar.

— Foi só uma verificação normal de segurança. Agora é melhor vocês descansarem.

Voltei para o beliche e encontrei a cama de cima ocupada por Hadley, o segundo engenheiro. Fui para a de baixo, mas não consegui adormecer imediatamente. Tentei afastar da mente o motivo pelo qual os caixões estavam no meu avião.

Carga era um eufemismo. De plasma sanguíneo a explosivos, limusines do serviço secreto e barras de ouro, você encaixotava e botava no avião porque era seu trabalho, só isso, e qualquer coisa que pudesse ser feita para adiantá-lo era importante.

Só carga, pensei. Mas famílias inteiras que se mataram... Eu estava feliz de tirá-los da selva, levá-los de volta para suas famílias... mas os médicos que chegaram lá primeiro, todos aqueles soldados, até minha tripulação, nós chegamos tarde demais para fazer qualquer coisa além disso. Eu tinha um interesse meio vago e duvidoso em ter filhos e me irritava ouvir sobre qualquer pessoa fazendo mal a crianças. Mas aqueles pais fizeram aquilo por vontade própria, não foi?

Não consegui relaxar. Encontrei um exemplar antigo do *New York Times* dobrado no beliche. Paz no Oriente Médio, dizia. Ao lado do artigo

havia uma foto do presidente Carter e Anwar Sadat apertando as mãos. Eu estava quase pegando no sono quando pensei ter ouvido Hernandez gritar de novo.

Eu me levantei. Pembry estava de pé com as mãos sobre a boca. Achei que Hernandez tivesse batido nela, então fui até lá e afastei suas mãos, procurando um machucado.

Não havia nenhum. Olhei por cima do ombro dela e vi Hernandez na cadeira, os olhos grudados na escuridão como uma televisão de cores invertidas.

— O que aconteceu? Ele bateu em você?

— Ele... ele ouviu de novo — gaguejou ela enquanto uma das mãos subia até o rosto novamente. — Você... você devia ir olhar de novo. Você devia ir olhar...

A inclinação do avião mudou e ela tombou em cima de mim. Enquanto eu me firmava e segurava seu cotovelo, ela caiu em cima de mim pela segunda vez. Eu a encarei de forma direta. Ela desviou o olhar.

— O que aconteceu? — perguntei de novo.

— Eu também ouvi — respondeu Pembry.

Meus olhos encararam o corredor cheio de sombras.

— Agora?

— É.

— Foi como ele falou? Crianças cantando?

Percebi que estava quase a sacudindo. Os dois estariam ficando loucos?

— Crianças brincando — disse ela. — Tipo... barulho de parquinho, sabe? Crianças brincando.

Revirei o cérebro em busca de algum objeto ou coleção de objetos que, depois de enfiados em um C-141 StarLifter e voando a quase quarenta

mil pés acima do Caribe, fosse fazer um som parecido com crianças brincando.

Hernandez mudou de posição, e nós dois voltamos nossa atenção para ele. Ele abriu um sorriso derrotado.

— Eu falei.

— Vou dar uma olhada — garanti.

— Deixe que brinquem — disse Hernandez. — Elas só querem brincar. Não era isso que você queria fazer quando era criança?

Lembrei-me da minha infância de repente, verões infinitos e passeios de bicicleta e joelhos ralados e voltar para casa ao entardecer com minha mãe reclamando “Olha como você está sujo!”. Eu me perguntei se as equipes de resgate tinham lavado os corpos antes de os colocarem nos caixões.

— Vou descobrir o que é. — Peguei a lanterna de novo. — Fiquem aqui.

Usei a escuridão para limitar minha visão e me concentrar mais na audição. A turbulência já tinha passado e só usei a lanterna para não tropeçar na rede da carga. Prestei atenção em algum som novo ou incomum. Não era uma única coisa, tinha que ser uma combinação; barulhos assim não ficam parando e recomeçando. Vazamento de combustível? Viajante clandestino? A ideia de uma cobra ou algum outro animal da selva dentro daquelas caixas de metal me deixou em estado de alerta e me fez lembrar do meu sonho.

Perto das portas de carga, apaguei a luz e prestei atenção. Ar pressurizado. Quatro motores turbofan Pratt e Whitney. O barulho das fendas. Cintas de carga batendo.

De repente, outro som. Algo surgiu depois de um momento, primeiro baixo e indistinto, como o ruído vindo do fundo de uma caverna, mas

depois puro e inesperado, como alguém sendo pego no flagra.

Crianças. Gargalhadas. Como no horário do recreio da escola.

Abri os olhos e passei a lanterna pelas caixas prateadas. Encontrei-as esperando, encolhidas comigo, quase cheias de expectativa.

*Crianças, pensei, só crianças.*

Passei correndo por Hernandez e Pembry na direção do compartimento. Não sei dizer o que eles viram no meu rosto, mas se era parecido com o que vi no espelhinho do banheiro, era uma mistura de apavorado e redimido.

Olhei do espelho para o interfone. Segundo o protocolo, qualquer problema com a carga devia ser relatado imediatamente, mas o que eu poderia relatar ao capitão? Tive vontade de abandonar tudo, ejetar os caixões e pronto. Se eu dissesse que havia fogo no compartimento de carga, nós desceríamos abaixo de dez mil pés e eu poderia abrir as portas e jogar a carga no fundo do Golfo do México, sem perguntas.

Nessa hora eu parei, respirei fundo, tentei pensar. *São crianças. Não são monstros ou demônios, são só os sons de crianças brincando. Nada que vá pegar você. Nada que possa pegar você.* Ignorei o tremor que tomou meu corpo e decidi pedir ajuda.

No beliche, encontrei Hadley ainda dormindo. Havia um exemplar cheio de orelhas de um livro com duas mulheres em um abraço apaixonado sobre o peito dele. Sacudi seu braço, e Hadley se sentou. Nenhum de nós disse nada por um momento. Ele esfregou o rosto com a mão e bocejou.

Em seguida, olhou diretamente para mim e vi seu rosto se transformar com preocupação. Sua ação seguinte foi pegar o oxigênio portátil. Mas ele se recompôs num instante.

— O que foi, Davis?

Tentei pensar em alguma coisa.

— A carga. Houve uma... possível movimentação na carga. Preciso de ajuda, senhor.

A preocupação dele virou irritação.

— Você comunicou ao capitão?

— Não, senhor — respondi. — Eu... eu não quero perturbá-lo ainda. Pode não ser nada.

O rosto dele se contraiu de forma desagradável e achei que levaria uma bronca, mas ele me deixou ir na frente. Só a presença dele já bastou para reavivar minha dúvida, meu profissionalismo. Meus passos ficaram mais precisos, meus olhos se arregalaram, meu estômago voltou ao lugar na barriga.

Encontrei Pembry sentada ao lado de Hernandez, os dois fingindo indiferença. Hadley olhou na direção deles sem interesse e me seguiu pelo corredor entre os caixões.

— Por que não liga as luzes principais? — perguntou ele.

— Não vão ajudar. Tome. — Passei a lanterna para ele e perguntei: — Está ouvindo?

— Ouvindo o quê?

— Preste atenção.

Novamente, só os motores e as correntes de ar.

— Eu não...

— Shh! Escute.

Ele abriu a boca e ficou assim por um minuto, depois a fechou. Os motores se silenciaram e os sons vieram, se aproximando feito vapor, uma neblina de som ao nosso redor. Só percebi como estava frio quando reparei nas minhas mãos tremendo.

— Que merda é essa? — perguntou Hadley. — Parece...

— Não — interrompi. — Não pode ser isso. — Eu indiquei as caixas de metal. — O senhor sabe o que tem nesses caixões, não sabe?

Ele não disse nada. O som pareceu pairar ao nosso redor por um momento, de repente perto, de repente longe. Ele tentou seguir o som com a luz.

— Você consegue descobrir de onde está vindo?

— Não. Só estou feliz que o senhor também esteja ouvindo.

O engenheiro coçou a cabeça, o rosto franzido, como se tivesse engolido alguma coisa amarga e não conseguisse se livrar do gosto.

— Macacos me mordam — disse ele.

Na mesma hora, como antes, o som parou e o rugido dos motores ocupou nossos ouvidos.

— Vou acender as luzes. — Eu me afastei com hesitação. — Não vou chamar o capitão.

O silêncio dele foi conspiratório. Quando retornei, eu o vi examinando uma fileira específica de caixões.

— Você precisa fazer uma busca — disse ele, inexpressivo.

Eu não respondi. Já tinha feito buscas de carga no ar, mas nunca assim, nem mesmo em corpos de militares. Se tudo que Pembry disse era verdade, eu não conseguia pensar em nada pior do que abrir um daqueles caixões.

Nós dois levamos um susto com o som seguinte. Imagine uma bola de tênis molhada. Agora, imagine o som que uma bola de tênis molhada faz quando bate na quadra, uma espécie de som úmido, como um pássaro acertando a fuselagem. O som se repetiu, e desta vez eu o ouvi dentro do compartimento de carga. Depois de um trecho de turbulência, o som se repetiu. Veio claramente de um caixão aos pés de Hadley.

*Não é um problema sério, seu rosto tentava dizer. Nós só imaginamos. Um barulho dentro de um caixão não pode derrubar um avião, dizia o rosto dele. Fantasmas não existem.*

— Senhor?

— Nós temos que olhar — afirmou ele.

O sangue se acumulou no meu estômago de novo. *Olhar*, disse ele. Eu não queria olhar.

— Vá até o interfone e avise o capitão para não fazer movimentos bruscos.

Foi então que eu soube que ele ia me ajudar. Não queria, mas ia ajudar mesmo assim.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Pembry.

Ela ficou ao meu lado enquanto eu tirava a rede que segurava as fileiras de caixões e o engenheiro soltava as tiras individuais daquela fileira específica. Hernandez estava dormindo com a cabeça baixa; os remédios finalmente fizeram efeito.

— Nós temos que examinar a carga — declarei com objetividade. — O voo pode ter feito o carregamento ficar desequilibrado.

Ela segurou meu braço quando passei.

— Foi só isso? Carga se acomodando?

Havia um toque de desespero na pergunta dela. *Diga que imaginei*, dizia a expressão no rosto dela. *Diga e vou acreditar e assim posso dormir um pouco.*

— Nós achamos que sim.

Os ombros dela relaxaram e o rosto se abriu em um sorriso largo demais para ser verdadeiro.

— Graças a Deus. Achei que estivesse ficando louca.

Eu dei um tapinha no ombro dela.

— Coloque seu cinto e descanse.

Ela fez isso.

Finalmente eu estava fazendo alguma coisa. Como mestre de carga, podia pôr um fim àquele absurdo. Assim, trabalhei. Soltei as tiras, subi nos outros caixões, empurrei o do topo, carreguei-o, prendi-o, removi o seguinte, carreguei-o, prendi-o, e assim por diante. A alegria da repetição fácil.

Só quando chegamos ao de baixo, o barulhento, foi que Hadley parou. Ele ficou imóvel me vendo tirá-lo do lugar para examiná-lo. A postura dele estava ereta, mas mesmo assim transmitia repulsa, uma coisa que, entre veteranos fanfarrões da Força Aérea tomando umas cervejas, ele conseguiria disfarçar. Não agora, não para mim.

Fiz um exame superficial do piso onde estava, dos caixões ao lado, e não vi dano nenhum e também nenhuma falha óbvia.

Um novo barulho, quase um baque. Vinha lá de dentro. Nós nos encolhemos ao mesmo tempo. O asco do engenheiro era impossível de esconder. Eu sufoquei um tremor.

— Vamos ter que abrir este — falei.

O engenheiro não discordou, mas, como eu, o corpo reagiu com lerdeza. Ele se agachou e, com a mão plantada com firmeza na tampa do caixão, abriu as fivelas nas laterais. Eu abri as fivelas do meu lado, meus dedos escorregadios no metal frio, tremendo um pouco quando os afastei e apoiei a mão na tampa. Nossos olhos se encontraram em um momento que reforçou nossa resolução final. Juntos, nós abrimos o caixão.

Primeiro, o cheiro: uma mistura de frutas podres, antisséptico e formaldeído, envolta em plástico com bosta e enxofre. Acertou nossas narinas e se espalhou pelo compartimento de carga. As luzes superiores

iluminaram dois sacos pretos, úmidos de condensação e detritos. Eu sabia que seriam corpos de crianças, mas ainda assim me impressionou, me feriu. Um saco estava torto, escondendo o outro, e entendi na mesma hora que havia mais de uma criança ali dentro. Meus olhos percorreram o plástico encharcado e identifiquei o contorno de um braço, um perfil. Uma forma estava aninhada perto do fundo, longe do resto. Era do tamanho de um bebê.

O avião tremeu como um pônei assustado, e o saco de cima deslizou e revelou uma garotinha, com oito ou nove anos no máximo. Enfiada como uma contorcionista maluca no canto, a barriga protuberante exibindo marcas de ferimentos de baioneta tinha inchado de novo, os membros retorcidos estavam agora grossos como galhos de árvore. A pele manchada tinha se soltado em toda parte, menos no rosto, que continuava puro e inocente como o de um anjo no céu.

Foi o rosto dela que fez cair a ficha, o que me feriu. Aquele rostinho doce.

Minha mão agarrava a beirada do caixão em um aperto doloroso, mas não ousei movê-la. Tinha uma coisa entalada na minha garganta e a forcei de volta.

Uma mosca solitária, gorda e brilhante, saiu de dentro do saco e voou preguiçosamente na direção de Hadley. Ele se levantou lentamente e se preparou, como se contra um golpe. Ele a viu subir e percorrer um caminho desajeitado no ar. Então deu um passo para trás, balançando as mãos e acertando a mosca (eu ouvi o estalo) e soltando um som de nojo pelos lábios.

Quando me levantei, minhas têmporas estavam latejando e minhas pernas estavam bambas. Segurei-me em um caixão próximo, a garganta tomada por uma coisa rançosa.

— Fecha — disse ele como alguém que estava com a boca cheia. — Fecha isso.

Meus braços viraram gelatina. Depois de me apoiar, ergui uma perna e chutei a tampa. Soou como um tiro de artilharia. A pressão latejou nos meus ouvidos como durante uma aterrissagem rápida.

Hadley colocou as mãos nas coxas e baixou a cabeça, respirando fundo pela boca.

— Jesus — gemeu ele.

Eu vi movimento. Pembry apareceu ao lado da fila de caixões, o rosto franzido com repulsa.

— Que... cheiro... é... esse?

— Está tudo bem. — Descobri que conseguia mexer um braço e tentei fazer um gesto que esperava que parecesse de descaso. — Encontrei o problema. Mas tivemos que abrir. Vá se sentar.

Pembry envolveu o corpo com os braços e voltou para o assento.

Descobri que, com mais algumas respirações fundas, o cheiro se dissipou o suficiente para agir.

— Nós temos que prendê-lo — falei para Hadley.

Ele ergueu o rosto e vi seus olhos apertados como fendas. As mãos estavam fechadas em punhos e seu tronco largo estava rígido e ereto. Nos cantos dos olhos, lágrimas cintilavam. Ele não disse nada.

Aquilo voltou a ser carga quando fechei as fivelas. Exigiu um esforço, mas colocamos o caixão no lugar. Em questão de minutos, os outros caixões estavam empilhados, as tiras externas estavam fixadas, a rede de carga, puxada e presa.

Hadley esperou que eu terminasse e andou até a frente do avião comigo.

— Vou dizer ao capitão que você resolveu o problema — disse ele — e que é para voltar a viajar a toda velocidade.

Eu assenti.

— Mais uma coisa — disse ele. — Se você vir aquela mosca, mate-a.

— Você não...

— Não.

Eu não sabia o que mais dizer, então só falei:

— Sim, senhor.

Pembry estava no assento, o nariz franzido, fingindo dormir. Hernandez estava ereto, as pálpebras parcialmente abertas. Ele fez sinal para eu me aproximar e me inclinar.

— Você deixou as crianças saírem pra brincar? — perguntou ele.

Fiquei parado na frente dele e não disse nada. No coração, senti a mesma dor que sentia quando era criança e o verão chegava ao fim.

Quando pousamos em Dover, um destacamento funerário de uniforme completo descarregou todos os caixões, concedendo direitos funerários completos a cada um. Fui informado que, conforme mais corpos chegaram, a formalidade foi descartada e só um capelão solitário da Força Aérea recebeu os aviões. No fim da semana, eu estava de volta ao Panamá com a barriga cheia de peru e rum barato. Depois, fui para as ilhas Marshall para entregar suprimentos em uma base de mísseis teleguiados. No Comando Aéreo Militar, sempre há carga para ser entregue.

# O HORROR DAS ALTURAS

Arthur Conan Doyle

Além das histórias de Sherlock Holmes, Doyle escreveu mais de cem outros contos, dezenas deles acerca do sobrenatural. Alguns são desprovidos do estilo “tenho que saber o que vai acontecer” presente nas histórias de Holmes, e apresentam, como a maioria, jovens ingleses distintos enfrentando algum horror sobrenatural e triunfando com determinação e astúcia, mas poucos são genuinamente assustadores. “Lote nº 249” é um desses; e aqui está o outro. Como seu contemporâneo, Bram Stoker, Doyle era fascinado por novas invenções (ele comprou um automóvel em 1911, sem nunca ter dirigido um), e isso incluía o avião. Quando estiver lendo “O horror das alturas”, lembre-se de que foi publicado em 1913, apenas dez anos depois que o *Flyer* dos Irmãos Wright levantou voo em Kitty Hawk por cinquenta e nove segundos, com Orville nos controles rudimentares e Wilbur assistindo. Quando o conto de Doyle foi publicado na revista *The Strand*, o teto operacional da maioria dos aviões seria de doze mil a talvez dezoito mil pés. Doyle imaginou o que poderia haver ainda mais alto do que isso, bem além das nuvens, e, ao fazer isso, criou sua história mais assustadora.

A ideia de que a narrativa extraordinária que foi chamada de Fragmento Joyce-Armstrong é uma pegadinha elaborada inventada por alguém amaldiçoado por um senso de humor pervertido e sinistro já foi

abandonada por todos que examinaram a questão. O mais macabro e criativo dos conspiradores hesitaria antes de conectar suas fantasias mórbidas aos fatos inquestionáveis e trágicos que reforçam a declaração. Apesar de as afirmações contidas ali serem impressionantes e até monstruosas, a inteligência geral é obrigada a aceitar que são verdadeiras e que temos que reajustar nossas ideias à nova situação. Esse nosso mundo parece estar separado por uma margem de segurança leve e precária de um perigo muito singular e inesperado. Vou me dedicar a essa narrativa, que reproduz o documento original em sua forma necessariamente fragmentada, para oferecer ao leitor a íntegra dos fatos até o momento, introduzindo minha declaração dizendo que, se houver qualquer dúvida na narrativa de Joyce-Armstrong, não pode haver nenhuma questão em relação aos fatos que dizem respeito ao tenente Myrtle, R. N., e ao sr. Hay Connor, que indubitavelmente encontraram seu fim da forma descrita.

O Fragmento Joyce-Armstrong foi encontrado no campo conhecido como Lower Haycock, que fica a pouco mais de um quilômetro a oeste do vilarejo de Withyham, na fronteira entre Kent e Sussex. Foi no último dia 15 de setembro que o trabalhador agrícola James Flynn, a serviço de Mathew Dodd, fazendeiro da Fazenda Chauntry, Withyham, reparou em um cachimbo caído perto da trilha que acompanha a cerca de Lower Haycock. Alguns passos à frente, ele encontrou um binóculo quebrado. Por fim, em meio a algumas urtigas na vala, ele viu um livro fino com capa de lona, que acabou se revelando um caderno com folhas destacáveis, cuja maioria tinha se soltado e estava rolando na base da cerca. Ele as recolheu, mas algumas, inclusive a primeira, nunca foram recuperadas e deixam um hiato deplorável nesta declaração importante. O caderno foi levado pelo trabalhador para o patrão, que por sua vez o

mostrou para o dr. J. H. Atherton, de Hartfield. Esse cavalheiro reconheceu na mesma hora a necessidade do exame de um especialista, e o manuscrito foi encaminhado para o Aero Club de Londres, onde se encontra agora.

As primeiras duas páginas do manuscrito sumiram. Também há uma página arrancada no final da narrativa, embora nenhuma dessas afete a coerência geral da história. Conjectura-se que a introdução desaparecida se refira ao registro das qualificações do sr. Joyce-Armstrong como aeronauta, que podem ser encontradas em outras fontes e são consideradas insuperáveis pelos outros pilotos da Inglaterra. Há muitos anos, ele é admirado como estando entre os mais ousados e intelectuais dos homens do ar, uma combinação que lhe permitiu inventar e testar vários dispositivos novos, inclusive o anexo giroscópico comum que é conhecido pelo seu nome. O corpo principal do manuscrito está escrito à tinta, mas as últimas linhas estão a lápis e tão esfarrapadas a ponto de estarem quase ilegíveis; exatamente como se esperaria que estivessem se tivessem sido rabiscadas às pressas no assento de um avião em movimento. É preciso acrescentar que há várias manchas, tanto na última página quanto na capa externa, que foram declaradas por especialistas do governo como sendo sangue, provavelmente humano e certamente mamífero. O fato de algo parecido com o protozoário da malária ter sido descoberto nesse sangue e que é sabido que Joyce-Armstrong sofreu de febre intermitente é um exemplo impressionante das novas armas que a ciência moderna colocou nas mãos dos nossos detetives.

E agora uma palavra sobre a personalidade do autor desta declaração revolucionária. Joyce-Armstrong, de acordo com os poucos amigos que realmente conheciam o homem, além de mecânico e inventor, era poeta

e sonhador. Ele era um homem de riqueza considerável, boa parte da qual gastou em busca de seu hobby aeronáutico. Teve quatro aviões particulares em seus hangares perto de Devizes e dizem que fez pelo menos cento e setenta decolagens ao longo do ano passado. Era um homem reservado, de humores sombrios, durante os quais evitava a companhia dos semelhantes. O capitão Dangerfield, que o conhecia melhor do que ninguém, diz que houve vezes em que a excentricidade dele ameaçou se transformar em algo mais sério. Seu hábito de carregar uma pistola no avião era manifestação disso.

Outra era o efeito mórbido que a queda do tenente Myrtle teve na mente dele. Myrtle, que estava tentando atingir o recorde de altura, caiu de uma altitude de mais de trinta mil pés. Horrível de narrar, sua cabeça foi totalmente destruída, embora o corpo e os membros tenham preservado a configuração. A cada reunião de aviadores, Joyce-Armstrong, de acordo com Dangerfield, perguntava com um sorriso enigmático: “E onde está a cabeça de Myrtle?”.

Em outra ocasião, depois do jantar, na confusão da Escola de Voo na Planície de Salisbury, ele iniciou um debate sobre qual era o perigo mais permanente que os aviadores teriam que enfrentar. Depois de ouvir opiniões sucessivas sobre bolsões de ar, construções defeituosas e overbanking, ele terminou dando de ombros e se recusando a oferecer a própria opinião, apesar de ter dado a impressão de que era diferente de todas as manifestadas pelos colegas.

Vale comentar que depois de seu desaparecimento foi descoberto que seus assuntos pessoais estavam organizados com tamanha precisão que pode até demonstrar que ele tinha uma forte premonição do desastre. Com essas explicações essenciais, vou agora revelar a narrativa

exatamente como está, começando na página três do caderno manchado de sangue:

“Entretanto, quando jantei no Rheims com Coselli e Gustav Raymond, descobri que nenhum dos dois estava ciente de nenhum perigo em particular nas camadas mais altas da atmosfera. Eu não disse exatamente o que tinha em mente, mas cheguei tão perto que, se eles tivessem alguma ideia correspondente, não teriam como não mencioná-la. Mas eles não passam de sujeitos vazios e vaidosos sem pensamento nenhum além de verem seus nomes bobos no jornal. É interessante comentar que nenhum dos dois tinha passado muito de vinte mil pés de altura. Claro, os homens já foram mais alto do que isso tanto em balões quanto escalando montanhas. Deve ser bem acima desse ponto que o avião entra na zona de perigo, sempre supondo que minhas premonições estejam corretas.

“A aviação já existe há mais de vinte anos, e podemos perfeitamente nos questionar: por que esse perigo só estaria se revelando nos nossos dias? A resposta é óbvia. Nos tempos antigos de motores fracos, quando um Gnome ou um Green de cem cavalos de potência eram considerados suficientes para todas as necessidades, os voos eram muito restritos. Agora que trezentos cavalos de potência são a regra e não a exceção, as visitas às camadas superiores se tornaram mais fáceis e comuns. Alguns de nós podem lembrar que, na juventude, Garros alcançou reputação mundial ao chegar a dezenove mil pés e era considerado um feito incrível voar acima dos Alpes. Nosso padrão agora está imensuravelmente mais alto, e há vinte vezes mais voos altos que antigamente. Muitos deles foram realizados sem grandes consequências. O nível de trinta mil pés foi alcançado vezes seguidas sem nenhum desconforto além do frio e da asma. O que isso prova? Um visitante pode

descer neste planeta mil vezes e nunca ver um tigre. Mas os tigres existem, e se o visitante por acaso descesse em uma selva, poderia ser devorado. Há selvas no ar, e coisas piores do que tigres as habitam. Acredito que, com o tempo, vão mapear essas selvas precisamente. Mesmo agora eu poderia citar duas. Uma fica acima da região entre Pau e Biarritz, na França. Outra está acima da minha cabeça enquanto escrevo, aqui na minha casa em Wiltshire. Acho que há uma terceira na região entre Homburg e Wiesbaden.

“Foi o desaparecimento dos aviadores que me fez pensar. Claro, todos disseram que eles tinham caído no mar, mas isso não me satisfaz. Primeiro, houve Verrier, na França; o avião dele foi encontrado perto de Bayonne, mas nunca encontraram seu corpo. Também houve o caso de Baxter, que desapareceu, embora o motor e algumas peças de ferro tenham sido encontrados em um bosque em Leicestershire. Nesse caso, o dr. Middleton, de Amesbury, que estava assistindo ao voo com um telescópio, declara que pouco antes das nuvens obscurecerem sua visão, ele viu a aeronave, que estava a uma altura enorme, subir perpendicularmente de repente em uma sucessão de sacolejos, de uma forma que se acharia impossível. Foi a última vez que Baxter foi visto. Houve uma troca de correspondências no jornal, mas nunca levou a nada. Vários outros casos similares se sucederam, depois houve a morte de Hay Connor. Que falação fizeram sobre um mistério aeronáutico não resolvido nas colunas de jornais baratos, mas tão pouco se fez para chegar ao fundo da questão! Ele caiu em um tremendo voo planador de uma altura desconhecida. Não saiu da máquina e morreu no assento do piloto. Morreu de quê? ‘Doença cardíaca’, disseram os médicos. Besteira! O coração de Hay Connor era tão saudável quanto o meu. O que Venables disse? Venables era o único homem que estava ao seu lado